

O novo comando do Legislativo

JORNAL DA TARDE

Congresso

- 4 FEV 1993

Quando o ex-deputado Paes de Andrade, então presidente da Câmara dos Deputados, substituindo pela primeira vez o presidente da República da época, José Sarney, tomou o Boeing presidencial em Brasília cheio de correligionários políticos e companheiros do Legislativo e foi para sua terra natal, Mombaça, no Ceará, curtir a glória da interinidade presidencial, o País da Fantasia instalado na capital da República parecia ter chegado ao auge do deboche político em que sempre viveu. O Brasil real acreditou que, daí para a frente, tal a indignação que o ato do **estadista de Mombaça** provocou, os políticos brasileiros seriam mais recatados em seu comportamento e mais cuidadosos na escolha de seus dirigentes.

Pura ilusão! A eleição, esta semana, dos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal demonstrou, mais uma vez, que o que menos importa à imensa maioria dos ditos representantes populares é a seriedade, o conhecimento dos reais interesses do País e a disposição de defendê-los. A "qualidade" que os políticos mais apreciam nos companheiros de classe é a capacidade de atender aos interesses corporativos deles, políticos, e o seu grau de fisiologismo; quanto maior, melhor.

Não foi por outro motivo que a presidência do Senado, apenas com um arremedo de disputa interna na bancada do PMDB e nenhuma concorrência no plenário, foi parar nas mãos do senador Humberto Lucena, da Paraíba. E que o cargo de presidente da Câmara (e, nas circunstâncias, também vice-presidente da República) ficou com o pernambucano Inocêncio de Oliveira, do PFL, com uma vitória estrondosa sobre seu adversário e votos em todo o espectro político nacional, da direita mais radical à esquerda mais ranzinza.

A principal credencial política do novo presidente do Senado é ser, como podem atestar seus próprios colegas e a enxurrada de parentes pendurados no Congresso Nacional comprova, a caneta mais ligeira da República, campeã de nomeações para cargos públicos de filhos, genros,

noras, sobrinhos, amigos e eleitores.

Quanto à presidência da Câmara, Inocêncio de Oliveira era o homem certo para fazer dobradinha com Lucena no comando do Legislativo Federal. Embora já esteja no seu quarto mandato, não se conhece um discurso de repercussão, um projeto de interesse público de sua autoria. Em compensação, é muito querido pelos outros parlamentares, por sua capacidade de resolver problemas domésticos que os envolvem, como uma boa acomodação num gabinete, um apartamento funcional melhor localizado, a nomeação de um funcionário de gabinete, a transferência de um correligionário. Ao que se sabe, como presidente da Câmara dos Deputados Inocêncio de Oliveira pretende enriquecer seu **curriculum vitae** conseguindo a construção de uma estátua de Virgolino Ferreira, o famoso Lampião, na cidade de Serra Talhada, no interior de Pernambuco, terra natal de ambos. Ali, como médico de profissão, Inocêncio é dono do maior hospital da cidade, conveniado com o Inamps, e de uma concessão de televisão que ganhou como prêmio por ter, como vice-presidente da Câmara, conseguido o arquivamento de um pedido de **impeachment** do então presidente José Sarney. Em sua campanha para conquistar a presidência da Câmara, contou com o apoio, que foi decisivo, dos mais de 3 mil funcionários da Câmara, tendo o sindicato dos servidores do Poder Legislativo se envolvido diretamente na disputa. Pode-se imaginar o que Inocêncio prometeu a esses funcionários, em termos de novas benesses, para merecer todo esse apoio.

Quem melhor definiu o novo presidente da Câmara e vice-presidente da República foi seu companheiro do PFL, deputado Maurício Calixto (RO): "O Inocêncio tem a dimensão da Câmara. O Ulysses seria grande demais para esta casa".

É um julgamento severo, mas, infelizmente, perfeitamente justo, que condena não o deputado-presidente, mas a Câmara que o elegeu.